

Sampaio não foi à tropa? Calvão da Silva também não. O mesmo vale para Jaime Ramos, Foausto Correira ou Carlos Beja. Horácio Antunes ganhou uns calções sem percevejos, oferecidos por Spínola. António Moreira foi capitaneado por Vasco Gonçalves; Martias Nunes conviveu com Salgueiro Maia. Vítor Baptista foi enfermeiro, e andou nas campanhas de dinamização. E Manuel Machado ainda tentou ser piloto-aviador...

Calvão da Silva avançou decididamente por uma campanha à americana. Não nos chapôs que Freitas do Amaral utilizou quando se candidatou a Belém, mas sim na iniciativa de "espionagem" a vida passada do seu rival na corrida, Jorge Sampaio. Desde a presença ou ausência deste na Fonte Luminosa, até aos alegados contactos do staff cavacista com a primeira mulher do candidato socialista, contactos a que o vespertino "A Capital" fez referência na semana passada.

A última desta moda tem a ver com a ida ou "fuga" à tropa por parte do mancebo Jorge ampaio.

Segundo na estratégia, fomos junto de alguns dirigentes políticos da nossa praça saber do seu passado castrense.

Comçando pelo PSD, há quem tenha posto gálios, como há quem nunca tenha posto os pés num quartel, pelo menos obrigado.

CIPRIANO MARTINS NO BRASIL

O ex-deputado e actual membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social, Cipriano Martins, não fez a tropa. Razão? Emigrou cedo para o Brasil, tinha então 13 anos.

"Éramos treze filhos, de uma família bastante pobre. Fui eu mais seis irmãos" — lembra Cipriano Martins, que haveria de regressar a Portugal já na casa dos vinte e tantos, e assim livrar à tropa. O facto de nunca

ter vestido farda não o diminuiu nas tarefas que haveria de exercer pela vida fora:

"Nunca me senti diminuído por esse facto. Ninguém me atirou à cara!" — lembra Cipriano Martins, num tempo em que se apurou para a tropa ainda era sinal de virilidade, e os inaptos regressavam a casa envergonhados!

CALVÃO DA SILVA SALVO GRAÇAS AO DOUTORAMENTO

O líder disritual do PSD, Calvão da Silva, também "falhou" à formatura. Tudo a ver com a sua carreira académica. Os militares sempre consideram a prerrogativa dos adiantados aos professores universitários que preparavam testes de doutoramento. Foi o que aconteceu a Calvão da Silva:

"Quando chegamos aos trinta e tal anos, já ninguém nos quer por lá, razão pela qual nos passamos à reserva territorial" — afirma o professor universitário, satisfeito por ter sido "absolvido" de tal obrigação por uma pátria. E satisficido também af por ter chegado o 25 de Abril, e ter terminado a guerra colonial:

"Antes do 25 de Abril, a prática era diferente. Os professores universitários eram quase todos chamados para irem fazer a guerra. Talvez por serem mais esclarecidos, mandavam-nos para longe, para não ficarem por cá a alimentar laivos opositonistas".

Pelo facto de não ter feito a tropa, não lhe caiu nenhum braço...

CAVACO TAMBÉM TEM APOIANTES QUE Foi você que

"Tem-me visto ultimamente, e continuo inteiro, não é verdade?" — ironiza Calvão.

JAIME RAMOS NA RESERVA

Outro "refractário" foi Jaime Ramos. Estudante de Medicina, metteu adiantamento enquanto o curso não findava. Cançado obtido já depois de 1974, os militares já não tinham necessidade de tantos médicos, e um belo dia recebeu a boa notícia de ter passado à reserva territorial.

MARTINS NUNES CAMARADA DE SALGUEIRO MAIA

E agora, a vez para os que andaram por lá a batê-las. Foi o caso do líder da concelhia laranja. O médico José Martins Nunes esteve na Escola Prática de Cavalaria, em Santarém. Entrou como aspirante, passou a alferes, e quando saiu era tenente. Cumpriu a tropa entre 1977 e 1979. O médico da unidade tem muito boas recordações do tempo que passou a estudar a pátria, recordações de solidariedade entre os camaradas, do bom ambiente que se vivia no quartel, e da convivência com "imagine-se, o capitão Salgueiro Maia":

"Conheci de perto o capitão Salgueiro Maia, que ao tempo comandava o pelotão militar. Era uma pessoa com quem dava gosto conversar. Era pessoa de muita cultura, há muito, e estava a concluir o curso de Filologia. Tinha uma grande capacidade para ouvir os outros. Nunca o senti resabiado por ter saído de cena, depois do 25 de Abril. Mas tinha a noção correcta do papel que desempenhara até então, e a noção da democracia no nosso país" — lembra José Martins Nunes, que no quartel conviveu também com o tenente-coronel, Governador Maia, mais tarde comandante da Polícia de Intervenção.

REQUIXA MARINHEIRO

Requixa Ferreira fez a tropa na Marinha, por opção:

"Estávamos no Porto a morrer, um grupo de amigos, e resolvemos inscrever-nos todos na Marinha". Eu cantei Requixa lá foi cumprir o serviço militar obrigatório, entre 1972 e 1974. Apanhei o 25 de Abril na tropa, estava de serviço numa madrugada. Não perceceu ao movimento, nem nunca suspeito do que se estava a preparar, por tudo se encontrar no segredo dos oficiais do quadro permanente.

Ficou sempre pelo continente. Do grupo de oito cadetes da área das telecomunicações, só

AINDA QUE M
PERGUNTE

Afinal, que União Europeia edificaremos sobre este Euro?

Entre outras disposições, o Tratado de Maastricht dispõe relativamente à criação da moeda única europeia, já baptizada por Euro:

— os bancos centrais de cada país não serão mais do que delegações do Banco Central Europeu (BCE);

— o conselho de governadores desses bancos, com mandatos irrevogáveis de cinco a oito anos, definirá as grandes operações de política monetária, sendo a política monetária do dia a dia definida pelo BCE;

— o estatuto do BCE atribuem-lhe como objectivo principal a estabilidade monetária, e proibem-lhe o financiamento de défices públicos;

— ao BCE competirá executar a política de câmbios da moeda única relativamente a outras moedas, política essa que será definida pelo CE, sendo estipulado que não poderá contrariar as medidas tomadas pelo BCE a favor da estabilidade dos preços.

Compreendo por isso as preocupações do Cidadão Mário Soares ao afirmar em entrevista à *World Media*, "ser óbvio que o poder económico, e os mercados

financeiros em especial, condicionam e têm uma força intensa, mais do que

deveriam ter", o que, na minha opinião, parece

constatado a expressão do Primeiro Ministro Soares "Euro, tu és euro e sobre este euro edificaremos a União Europeia", proferida no Conselho Europeu de Madrid.

Compreendo também o do Cidadão Mário Soares, europeísta convicto, afirmar ainda

"para já temos uma Europa decepcionante", e que "não se pode impor uma ditadura de um banco ou de tecnocratas sem rosto e sem responsabilização, apegados a critérios abstractos, que não levam em conta as realidades sociais dos países em que são aplicados."

O Político-Cidadão Mário Soares foi o primeiro incentivador da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, e ainda considera, na mesma entrevista, ser "fundamental constituirmos a União Europeia, mas não para ser uma Europa dominada pelo Bundesbank ou pelo sistema financeiro internacional".

Ainda que mal pergunte, afinal, que União Europeia edificaremos sobre este Euro?



Por Santos Cardoso

IRIS
ÓPTICA

Deseja Festas Felizes.

Rua Ferreira Borges, 156 - 160
3000 COIMBRA
TEL.: (039) 23756

CONTACTOLOGIA:
Largo da Portagem, 27-3.ª Sala B
3000 COIMBRA
Tel.: (039) 20911

NUNCA PUSERAM UM PÉ NOS QUARTÉIS faltou à mili?

um, o pior classificado nas provas, é que teve que amargar a tropa na Guiné. Os outros sete ficaram por cá. O "castigado" é hoje professor catedrático na Universidade do Minho.

Na Marinha conviveu com oficiais que mais tarde haveriam de ganhar nomeada, como Rodrigues Maximiano, Vím-Procurador Geral da República. Também com José António Martinez, actual Presidente da Assembleia Geral do Benfica, ou com o cineasta Luís Galvão Teles. De Coimbra, lembra-se de EMP. António Taborda, quadro superior da DDP.

MOREIRA CAPITANEADO POR VASCO GONÇALVES

António Moreira, o mais velho deste naipe, também fez a tropa. Andou por Tancos, onde esteve três anos, depois de concluído o curso de Engenharia. Entrou como aspirante e saiu como alferes miliciano. No Batalhão de Pontoneiros a que pertenceu — "pontoneiros porque construíramos pontes" —, teve por companhia o então capitão Vasco Gonçalves.

"Era uma ótima pessoa" — recorda o sócio de Coimbra e ex-presidente da Câmara de Coimbra.

TELES MARQUES LIVROU-SE GRACIAS A UMA ÚLCERA

O centrista Teles Marques também não foi à tropa. Ou melhor, fez-me e meio de "militi", mas no Hospital Militar, em Lisboa. Uma artilharia ulceroza rebatava-lhe na véspera do exame de Direito Comercial, com o Professor Ferrer Correia.

Já tinha ido às inspeções, e sido apurado. Quando foi incorporado, ainda padecia bastante, talvez pela qual, depois de apresentado a uma junta médica, foi mandado em paz para a vida civil. Nunca sentiu o anátema de não ter feito a tropa, mas até gostaria de ter cumprido o serviço militar completo.

"Como tive uma vida desportiva muito intensa, consegui compensar essa ausência de preparação física que nos era dada no serviço militar" — afirma o advogado conimbricense.

BEJA LIVROU EM 1974

E quanto aos socialistas, em que ficamos? Na mesma como no PSD. Houve quem se tivesse alistado, e quem se tivesse livrado na melhor altura. O deputado Carlos Beja foi um dos que nunca pôs os pés num quartel. Beja andava na Universidade quando se deu o 25 de Abril. Já tinha ido às inspeções, e ficara apurado. Mas ainda em 74 recebeu a carta por que tanto ansiava, e que lhe comunicava a sua passagem à reserva territorial. Pagou a sua folga, encantado da vida, e toca de se envolver forte e feio na política, ao tempo militando no fogoso MRPP.

FAUSTO APURADO APESAR DE PROBLEMAS NO FÊMUR

O Secretário de Estado da Administração Pública tinha sido operado no fémur, andava então pelos 15 anos, mas tão tarde haveria de voltar à faca. Apesar desse problema, foi apurado para todo o serviço. Chegado à Universidade, onde cursava Direito, Fausto Cereira foi metendo o adiantado da ordem, e não só, até saber que tinha passado à reserva.

► sempre agradeceu, aliviado.

MACHADO FALHOU CARREIRA DE PILOTO-AVIADOR

O Presidente da Câmara de Coimbra só fez dois meses de tropa, e de uma forma suavisada. Aprentou-se como voluntário na Força Aérea. Imaginem que o autarca sonhava ser piloto-aviador. Mas só por lá esteve dois meses. O voluntariado acabou-se quando percebeu que os militares precisavam de carne para cozinhar. Concretizando, pilotos para a Guiné, colónia onde os misseis do PAIGC tinham fama de serem certinhos. Deixaram-se de felicitas aéreas, e regressou à base, aos estudos de Edomação. Estávamos em 1972. Depois de alguns adiantamentos, passou à reserva territorial.

CABEÇAS FEZ A TROPA EM CASA

José Cabeças, presidente da Câmara de Góti, também não fez a tropa. Não a fez nos quartéis, mas conhece bem o regime militar: "O meu pai era capitão do Exército, pelo que senti bem os rigores de uma educação militar" — lembra o autarca. Rigores traduzidos nos horários certinhos, e na comunicação ao sr. capitão do ritmo dos raídos nocturnos que o jovem Cabeças fazia. Para não comprometer em demasia as namoradas dos tempos de juventude, confessava hoje que por vezes dava pistas falsas ao pai.

José Cabeças, escava Medicina, mas caso tivesse chumbado algum ano, e fosse chamado para a tropa, estava mentalizado para seguir uma carreira de oficial do exército. Em vez de galões dourados, o futuro reservou-lhos cor de rosa.

SPÍNOLA ARRANJOU COLCHÕES SEM PERCEJOS PARA HORÁCIO ANTUNES

Horácio Antunes, presidente da Câmara da Loulé, esteve na Guiné, entre 1969 e 1971. Foi furril-atrador, na Infantaria. Antes da incorporação, chegou a pensar fugir do país, mas depois desistiu da ideia. Em Madina-Mandinga, viveu longos meses em tendas de campanha. Lembra-se de uma visita do Governador Spínola ao acampamento. Queixaram-se dos colchões, cheios de perceijos. E passou a semana, o futuro presidente da República enviou-lhes colchões novos em folha, sem um único perceijo!

Veio da Guiné com graves problemas de reumatismo: "Nos primeiros tempos, nem conseguia baixar-me para apertar os sapatos. Era a minha mulher que tinha que me vestir" — lembra Horácio Antunes.

ROMERO SÓ ACHA A TROPA BOA DEPOIS DE DEIXAR O QUARTEL

Romero Magalhães fez a tropa em Mafra, Vendas Novas e Espinho, sempre na arma de Artilharia. Entrou em 1967, para sair em 1970. Mas recordações dos tempos da mili?

"A tropa só é boa depois de sermos desmobilizados" — afirma o historiador.

BELMIRO PENSOU FUGIR PARA FRANÇA

Belmiro Moita da Costa, ex-presidente da Câmara Municipal de Condeixa, dividiu o seu



tempo de tropa pelo continente e por Angola. O alferes-miliciano Belmiro entrou em 1971, e saiu uma semana antes do 25 de Abril. Em Angola andou pelo leste e pela Gabela. Lembra-se do seu grupo ter ido substituir o batalhão de Melo Antunes. Antes da incorporação, pensou fugir para França. Mas desistiu da ideia, e teve que amargá-las em Angola.

GOVERNADOR - FURRIEL-ENFERMEIRO

Experiência curiosa passou-a o Governador Civil de Coimbra. Vítor Baptista correu seca e meca, de galões ao ombro. O furril Baptista já andava no instituto, mas como as habilitações que contavam eram as declaradas ao tempo da inspecção, não conseguiu melhor patrocínio. Esteve na Amadora, em Santa Margarida, Setúbal, Trás-os-Montes. Ainda se lembra do dia de entrada no quartel:

"Foi o 8 de Outubro de 1973".
O mais curioso é ter sido destacado para enfermeiro, apesar de nunca ter dado uma injeção que fosse na vida, nem ter feito nenhum penso. Vítimas do enfermeiro Baptista, ainda

estão a tempo de reclamar uma indemnização, mesmo que simbólica!

O 25 de Abril apanhou-o nos quartéis, sendo então mobilizado para as campanhas de dinamização:

"Estive na Operação Nordeste, explicando às pessoas os objetivos da revolução dos cravos".

AMERICANIZAÇÃO NÃO DÁ FRUTOS

É quanto à "americanização" da campanha presidencial, no que respecta à investigação do passado dos candidatos, o que acham alguns dos nossos ex-magalhas e demais reservistas?

Calvo da Silva dividiu que a tática produzira algum efeito, sobretudo por a tradição da vida política portuguesa é bastante diferente das das terras do tio Sam:

"Obrigas às pessoas a recordar-se desse tempo remoto não deve surgir efeito. Até de coisas bem mais recentes as pessoas se esquecem" — opina o professor.

António Moreira também acha preferível não se mexer no passado, a esse nível:

"Os nossos amigos das ex-colónias podem sentir-se com alguma palavra que seja dita menos propício, quanto à guerra no Ultramar. E nos temos interesse em manter as melhores relações com os PALOP's".

Jaime Ramos também é cético, e lembra outra experiência do género, por sinal mal sucedida:

"Há vários anos atrás, aquando da campanha da AD, o PS resolveu intrinsecamente na vida privada do sr. Sá Carneiro. Pessoalmente, achei tal de uma grande indignidade, e o referido castigo do Partido Socialista, também por esse facto. Penso que quinze anos depois, ninguém se deve voltar a tentar por acções desse jaez".

Diogo Manuel Alves

Vasco da Gama
Pastelarias ... em Coimbra

- Apesar das tartarões...
- ... a Qualidade dos nossos produtos é a diferença que nos marca
- Jamais mudaremos a rota
- Hoje como sempre Vasco da Gama para gente exclusiva

Consigno neste Fim de Ano